

A influência do complexo de castração na sexualidade infantil

La influencia del complejo de castración en la sexualidad infantil

The influence of the castration complex on childhood sexuality

Domingos Cachindele ¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0532-3422>

RECEBIDO: Agosto, 2024 | ACEITE: Outubro, 2024 | PUBLICADO: Dezembro, 2024

RESUMO

O presente estudo intitulado “a influência do complexo de castração na sexualidade infantil”, tem como objectivo trazer uma articulação dos conceitos sobre castração trazidos por Freud em seus estudos, analisando a diferença entre os sexos e a forma como o complexo de castração irá se desenvolver em cada um deles. No mesmo, fez-se a alusão ao estudo do fenómeno na sexualidade das crianças de ambos os sexos e conseqüentemente às fases do seu desenvolvimento em cada uma delas. Também, foram enfatizadas as diferenças entre o menino e a menina, isto é, as manifestações que eles apresentam quando estes se deparam com o complexo de castração. Neste sentido, para dar prossecução ao presente estudo, recorreu-se ao tipo de pesquisa bibliográfica através das contribuições de Moreira & Borges (2010), Veigas (2012), Fiorini, (2014), Batista (2020) e Faria (s.d) entre outros, com uma abordagem qualitativa. Os métodos de estudo utilizados durante a pesquisa, estão centrados na análise-síntese, indutivo-dedutivo e análise do conteúdo, respectivamente. Os resultados alcançados mediante o percurso da pesquisa, permitiram aferir que o fenómeno complexo de castração é do conhecimento de poucos pais e encarregados de educação e, por sua vez, a maioria deles nunca nem sequer ouviram falar da temática em estudo. Por outra, constatou-se que muitos professores quase que não abordam sobre o assunto em salas de aulas por causa do conhecimento ineficaz do mesmo.

Palavras-chave: Freud; complexo de castração; sexualidade infantil.

RESUMEN

El presente estudio titulado “La influencia del complejo de castración en la sexualidad infantil”, tiene como objetivo articular los conceptos sobre castración aportados por Freud en sus estudios, analizando la diferencia entre los sexos y la forma en que se desarrollará el complejo de castración. en cada uno de ellos. En él se hizo alusión al estudio del fenómeno en la sexualidad de los niños de ambos sexos y en consecuencia a las etapas de su desarrollo en cada uno de ellos. Asimismo, se enfatizaron las diferencias entre el niño y la niña, es decir, las manifestaciones que presentan ante el complejo de castración. En este sentido, para continuar con el presente estudio, utilizamos el tipo de investigación bibliográfica a través de los aportes de Moreira & Borges (2010), Veigas (2012), Fiorini, (2014), Batista (2020) y Faria (s.d) entre otros. , con un

¹ Licenciado. Escola Superior Pedagógica do Bié-Angola. Correio Electrónico: domingoslucianoelienai@gmail.com.

enfoque qualitativo. Los métodos de estudio utilizados durante la investigación se centran en el análisis-síntesis, el inductivo-deductivo y el análisis de contenido, respectivamente. Los resultados alcanzados a través de la investigación permitieron comprobar que el complejo fenómeno de la castración es conocido por pocos padres y tutores y, a su vez, la mayoría de ellos nunca ha oído hablar del tema en estudio. Por otro lado, se encontró que muchos docentes casi no discuten el tema en las aulas debido a un conocimiento poco efectivo del mismo.

Palabras clave: Freud; complejo de castración; sexualidad infantil.

ABSTRACT

The present study entitled “the influence of the castration complex on childhood sexuality”, aims to bring an articulation of the concepts about castration brought by Freud in his studies, analyzing the difference between the sexes and the way in which the castration complex will develop. in each of them. In it, an allusion was made to the study of the phenomenon in the sexuality of children of both sexes and consequently to the stages of their development in each of them. Also, the differences between the boy and the girl were emphasized, that is, the manifestations they present when they are faced with the castration complex. In this sense, to continue the present study, we used the type of bibliographical research through the contributions of Moreira & Borges (2010), Veigas (2012), Fiorini, (2014), Batista (2020) and Faria (s.d) among others, with a qualitative approach. The study methods used during the research are centered on analysis-synthesis, inductive-deductive and content analysis, respectively. The results achieved through the research allowed us to verify that the complex phenomenon of castration is known to few parents and guardians and, in turn, most of them have never even heard of the topic under study. On the other hand, it was found that many teachers almost do not discuss the subject in classrooms due to ineffective knowledge of it.

Keywords: Freud; castration complex; childhood sexuality.

1 INTRODUÇÃO

Falar do complexo de castração na sexualidade infantil, é perceber a maneira como a criança reage em função das ameaças e palavras que ela vai ouvindo a partir dos pais e encarregados de educação, como consequência das manipulações que ela vai realizando nas suas zonas erógenas. Sigmund Freud é o autor do termo “complexo de castração”. Para ele este complexo constitui um factor muito decisivo na inserção do indivíduo na sociedade (Fiorini, 2014). Em diversas literaturas, a par do complexo de castração, são ainda estudados diversos tipos de complexos tais como: o complexo de Édipo, de Diana, de Caim, de inferioridade, de abandono, de culpabilidade, e o complexo de Cronos ou conflito entre gerações (Veigas, 2012, pp. 102-126). Na psicanálise o conceito de castração remete as experiências psíquicas completas. Essas experiências de acordo com Moreira e Borges (2010), são vividas (inconscientemente) pela criança por volta dos três aos seis anos de idade, e elas são fundamentais para a identidade sexual. A criança nesta idade passa a perceber a diferença entre os sexos, experimenta a sensação de angústia e enfim a experiência da castração. A abordagem do presente trabalho está relacionada com o complexo de castração, onde foram tecidas as fases em que o mesmo ocorre tendo em conta as diferenças sexuais de ambos os géneros.

2 CONCEPÇÕES SOBRE COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

“Castração” é um dos conceitos mais importantes da psicanálise (o método independente da Psicologia, originário da medicina cujo objectivo é a investigação dos processos mentais) desenvolvido por Sigmund Freud, o médico austríaco. O termo complexo de castração foi utilizado pela primeira vez pelo mesmo autor na sua obra “Sobre as Teorias Sexuais Infantis” em 1908 (Faria, s.d).

O termo castração vem do latim *castratio* que traz o significado "acto ou efeito de castrar, de remover ou inutilizar os órgãos reprodutores do animal" (Baptista, 2020). Desta forma, o termo castrar é composto pelos vocábulos “castra” e “acção”, significando a acção de

castrar, operação ou acto de castrar, privar dos órgãos essenciais a reprodução, acto de mutilação sexual em que se incapacita o individuo de reproduzir-se sexualmente (Faria, s.d). O significado de castração dado acima se refere, entretanto ao aspecto físico (castração física) do ser humano em que o seu corpo sofre alguma transformação como, por exemplo, através de um processo de “vasectomia”, da “circuncisão do órgão genital masculino” ou semelhante. É por esta linha de pensamento que Veigas (2012, p. 109), define a castração física como “a ablação do membro genital viril”.

Entretanto, Freud utiliza a palavra castração para se referir aos temores e ameaças sofridas pela criança e suas consequências (Batista, 2020). O complexo de castração, no menino, consiste no medo ou angústia de que lhe cortem esse membro, por sua vez, na menina, revela-se na sensação de um dano sofrido por qualquer culpa sua (Veigas, 2012). De acordo com Lacan (1958) citado por Faria (s.d), “a castração é a lei que rompe a ilusão de cada ser humano de se acreditar possuidor ou identificado com uma onnipotência imaginária”

Para Roudinesco e Flon (1998, p. 104), citados por Faria (s.d), o complexo de castração designa “o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos”

Em seu livro “Conceitos de Psicanálise”, Ward (2005, p. 5), define o complexo de castração como numa “diversidade de crenças e emoções infantis relacionadas com a crença nascente de uma identidade sexual definida”. No menino, está entre elas a crença de que a mãe teve pênis, que o pênis foi decepado pelo pai ou por um substituto do pai, e que o seu órgão sexual pode estar sujeito ao mesmo destino terrível; para a menina, existe também a crença de que ela teve um pênis que foi removido de uma forma brutal e injusta.

Entretanto, à medida que a criança vai crescendo, torna-se progressivamente mais ciente de que as pessoas diferem umas das outras e também dela própria. Esta tomada de consciência leva a criança a adquirir uma concepção mais clara do seu próprio eu e da sua própria personalidade, isto é, o que ela realmente é, aos seus próprios olhos e aos dos outros (Gleitman Fridlund & Reisberg, 2011). Desta forma, como acontece no complexo de Édipo, os efeitos da angústia de castração misturam-se na vida de cada pessoa de um modo singular e, de acordo com Ward (2005) a maneira como a criança lida com a ideia da castração tem implicações profundas no seu futuro.

O que distingue a sexualidade infantil da sexualidade adulta na perspectiva de Freud, é que (i) para as crianças dos dois sexos, só existe um órgão sexual que é o masculino, e (ii) enquanto a sexualidade adulta é dominada pelo primado genital, a sexualidade infantil por sua vez, é dominada pelo falo (Álvares, 2010). Nesta lógica, o primado do falo implica então que as crianças acreditam que os seres humanos, independentemente do género, são providos de um falo. Esta crença na universalidade do falo define a fase fálica ou edipiana nas crianças (*idem*, 2010- Grifo nosso).

Na proposta freudiana, o complexo de Édipo, é indissociável do complexo de castração, e que por sua vez, o complexo de castração é que comanda, segundo Freud, o desenvolvimento libidinal da menina e do menino. No menino, caracteriza a resolução do Édipo; na menina, desencadeia-se o começo deste (Fiorini, 2014). Ou seja, o complexo de castração põe fim ao complexo de Édipo no menino, e prepara o complexo de Electra na menina. Num giro teórico cujos fundamentos deveriam ser analisados, Freud propõe que a castração seja aceita, para a menina, como premissa. É o que se denomina castração consumada (Laplanche, 1980; 1988, citado por Fiorini, 2014).

Portanto, não podemos falar do mesmo reconhecimento da castração entre meninos e meninas. As meninas se deparam com a castração no real do corpo. Verdade que

possibilita a entrada do complexo de Electra. E os meninos, por sua vez, se encontram com a angústia de castração que viabiliza o declínio do Édipo. Ou seja, a castração para o menino é uma ameaça que pode ser driblada.

Faz-se necessário também, ressaltar o duplo movimento da castração. Segundo Laplanche (1988), citado por Moreira e Borges, (2010), a castração é, ao mesmo tempo, (i) castigo e (ii) promessa.

- **É castigo**- porque visa a punição da transgressão da lei;

- **É promessa**- no sentido de realização humana, porque só ela possibilita a passagem da ordem imaginária para a ordem simbólica.

Rocha (2002) citado por Moreira e Borges, (2010), percebe que a dialética castigo/promessa aparece, no texto freudiano, de forma diferente para meninas e meninos.

A ideia de que a menina sofreu uma desilusão fálica com a mãe, e que este factor possibilitou a mudança de zona erógena, coloca a menina na relação com o pai. Esta relação aparece como uma promessa de receber deste um falo. A menina não é castigada por desejar a mãe, mesmo porque, na teoria freudiana, essa relação está fora do complexo de Édipo. É como se a menina, no acto de nascer, já estivesse castigada; qualquer novo acontecimento é uma promessa (d'Avila Lourenço, 2005).

O autor citado salienta que no caso do menino, o pêndulo pesa mais para o lado do castigo. A castração aparece para o menino como um castigo por ter desejado a mãe. A promessa entra em cena, secundariamente, como possibilidade de desejar. Calligaris (1996), citado por Moreira e Borges, (2010), refletindo sobre a função do pai enquanto interdito, revela: "O que me é proibido, os limites que me são impostos como criança, é justamente o que me outorga e me permite reconhecer o meu lugar, o lugar de filho". É este interdito que instaura a possibilidade do desejo, porque a condição do desejo é a falta.

2.1 Origem do complexo de castração

O complexo de castração deve-se em grande parte, (i) aos pais, encarregados de educação ou educadores e (ii) à existência de outro sexo sem o membro que lhe está a ser proibido a tocar. Este último elemento, vem confirmar ao menino a verdade das palavras dos pais ou educadores, causando desta forma, comportamentos inadequados. (Veigas, 2012). Como é sabido por todos, os meninos têm sempre a tendência para tocar ou exhibir os órgãos sexuais, e isso para eles é normal e natural, pois eles vão perdendo pouco a pouco essa tendência sem deixar alguma consequência má qualquer.

Entretanto, muitos pais, encarregados de educação ou educadores, ficam assustados com o comportamento que a criança vai demonstrando; qualquer pai ou mãe normalmente é capaz de deparar-se com tal situação, e aqui evocam-se as palavras da Silva (2011) quando diz que "educar os filhos é o trabalho mais difícil, complicado, angustiante e esgotante do mundo". É necessário ter muita paciência, senso comum, sentido de humor, amor, boa disposição e sabedoria de como agir com elas para não irritá-las (Gimeno, 2003 citado por da Silva, 2011).

Normalmente ao observar a criança exhibir os seus órgãos sexuais, os pais chegam a ponto de reagir de modo assustador com palavras tais como: «Se tornares a mexer aí, isso vai cair [...]»; «Se tornas a mexer aí, vem aquele palhaço e te transforma numa mulher»; «Se eu tornar a ver-te a tocar aí vou cortar isso, entendes? [...]». A educação na primeira infância, engloba a liberdade corporal da criança pois, nesta fase tudo para ela é natural. Desta maneira, ao ser proibida de manipular a sua área erógena é retirada a liberdade corporal da mesma pois, conforme salienta Renaut (2002, p. 148) "ao nível do

corpo, a educação visa a afirmação da nossa liberdade em relação a tirania das impulsões não dominadas: a disciplina, como educação do corpo, previne, assim, a escravização do homem pelos seus desejos”.

Muitas vezes o acto proibido fica associado à ansiedade e, para evitar esta ansiedade a criança evita repeti-lo. Na verdade, como diz Gleitman e Fridlund *at al.*, (2011), a criança deve até mesmo evitar o desejo de repetir o acto.

As frases assustadoras proferidas pelos pais provocam no menino um estado imenso de angústia e preocupação permanente, tornando-se desse modo diminuído e inferiorizado diante de quem o ameaça. (Veigas, 2012, p. 111). Além disso, permanece com uma má percepção a respeito do sexo oposto, ao aperceber-se das diferenças existentes entre os dois: «Se ela não tem órgão externo, é porque lhe foi tirado por ter praticado uma obra má, e se lhe cortaram a ela, também poderei ser cortado se não obedecer aos pais»; assim, apodera-se dele o medo de perder o órgão externo [...], e para evitar ser castrado fisicamente o menino castra-se mentalmente (d'Avila Lourenço, 2005; Veigas, 2012).

Podemos ainda dizer que, a criança procura autodisciplinar-se a todo custo, e como afirma Gleitman e Fridlund *at al.*, (2011), a criança interioriza a sanção e, agora, é ela que impõe as regras a si mesma.

Uma das imagens a que Freud recorre para demonstrar o pavor da castração é a cabeça de Medusa. Segundo a lenda, Medusa era uma linda jovem que se orgulhava da beleza de seus cabelos, mas se atreveu a competir com a Deusa Minerva. Esta por castigo privou-a de seus encantos e transformou seus cabelos em serpentes. Todos que se arriscavam a fitá-la nos olhos eram transformados em pedra. Perseu (filho de Zeus, um herói que recebeu ajuda dos deuses para matar Medusa), no entanto, conseguiu cortar a cabeça de Medusa, guiando-se pela imagem de seu rosto refletido em seu brilhante escudo (Moreira & Borges, 2010).

A decaptação da cabeça de Medusa é interpretada como algo que desperta horror, e eleva a um simbolismo de castração. Decepar a cabeça = castrar. Desta feita, o medo da Medusa (cuja cabeça está decepada, com serpentes) é o medo da castração, que está ligado a uma visão amedrontadora (Chaves, 2013, p. 92).

Figura 1- Cabeça de Medusa transformada em serpentes



Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/mitologia/medusa.htm>

A partir de inúmeras análises, conhecemos o motivo desse medo, que de acordo com Chaves (2013, p. 92), “se mostra quando o menino, que até então não queria acreditar na ameaça, avista uma genitália feminina. Provavelmente, uma genitália de mulher adulta cercada de pelos, no fundo, a da mãe”.

2.2 O complexo de castração na sexualidade infantil

O complexo de castração para ambos os sexos ocorre de maneiras diferentes, porém a mãe sempre terá um papel primordial neste desenvolvimento. A castração se passa na infância, mas seus impactos são vividos em todas as idades até o final da vida (Batista, 2020). É sabido pois que as crianças começam a comportar-se desde muito cedo como os adultos esperam, principalmente a partir do ano e meio a partir do qual as diferenças entre os sexos aparecem.

Huston (1983) citado por Gleitman e Fridlund *at al.*, (2011), salienta que ao atingirem a idade dos três anos, as crianças preferem brinquedos diferentes e brincam com companheiros do mesmo sexo ou do sexo oposto e, à medida que crescem, aumenta a sua consciência dos estereótipos masculino e feminino. Nesta lógica, podemos perceber que o complexo da castração não é um evento isolado de uma fase do desenvolvimento, ele na verdade passa a acompanhar a vida de homens e mulheres se renovando ao longo de toda vida (Batista, 2020).

2.3 Complexo de castração masculino

Do ponto de vista masculino, este complexo pode ser apresentado ou constituído por quatro fases:

1ª A fase da primazia do falo ou da universalização (Todo mundo tem um pênis):

Neta fase, o menino costuma achar que a sua mãe também tem um pênis, e isto se aplica a todas as pessoas do sexo oposto que estão ao seu redor, isto é, para ele não há nenhuma diferença anatômica entre os órgãos sexuais masculinos e femininos, todas as pessoas têm um pênis e ponto final (Faria, s.d – Grifo nosso). Geralmente, quando o menino descobre que a sua irmã e a sua mãe não têm um pênis, este entra em um estado de angústia, isto se aplica a todas as crianças quando se trata do complexo de Édipo e de castração (Batista, 2020). É por isso que esta fase é conhecida como “primazia do falo” ou “ficção da posse universal do pênis”.

2ª A fase da ameaça do pênis:

Esta segunda fase do complexo de castração do menino é marcada pelas ameaças verbais dos pais contra suas manipulações autoeróticas vindas do seu interesse em genitais (fase fálica) e contra suas fantasias incestuosas por conta do complexo de Édipo (Batista, 2020). A criança é proibida contra as suas actividades autoeróticas, é uma fase de grande ameaça do seu pênis.

Isso foi também visto no caso de Hans quando a mãe ameaçou cortar seu pênis quando o viu se masturbando e o pai, preocupado com os desejos sexuais e incestuosos de seu filho, procurou a ajuda de Freud. Normalmente a mãe do menino, compreende muito bem que a excitação sexual dele relaciona-se com ela, entretanto, mais cedo ou mais tarde reflete que não é correto permitir-lhe continuar (Paula, 2013). Desta feita, proíbe-lhe manipular seu órgão genital. Porém, na maioria das vezes, a sua proibição tem pouco efeito; por fim, a mãe adota medidas mais severas; ameaça tirar fora dele a coisa com que a está desafiando. A fim de tornar a ameaça mais assustadora e mais credível, delega a execução ao pai do menino, dizendo que contará a este e que ele lhe cortará fora o pênis (Freud, 1938, citado por Batista, 2020).

Podemos observar que desta maneira será difícil a criança perceber o objectivo das ameaças que lhe são lançadas, pelo que embora ela se autodiscipline por ser impelida pelas entidades paternas, tais ameaças lhe trarão ainda mais confusão em sua mente.

A assembleia – Geral da Nações Unidas (ONU) (1989), na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, salienta a vulnerabilidade da criança e a sua necessidade de cuidados especiais, dando ênfase às responsabilidades da família na sua protecção e nos cuidados primários. É a partir desta recomendação que da Silva (2011), enfatiza ao afirmar que “poucos se tornam pais tendo a consciência real da relação pais/filhos no que respeita aos cuidados a prestar”. Deste modo quem não entende o papel de mãe ou de pai só vive gritando e dando puxão de orelhas no educando.

Figura 2- Mãe proibindo o filho de manipular o seu órgão genital



Fonte:<https://www.google.com/search?q=imagens+de+m%C3%A3es+gritando+comcrian%C3%A7as&tbm=isch&ved=2ahUKEwiR-tm1iumBAXU>.

As ameaças verbais, principalmente aquelas que são proferidas pelo pai progressivamente, são internalizadas pela criança e estarão na origem do supereu (superego), e estas só terão seu efeito depois de atravessada a segunda fase (Fiorini, 2014).

3ª A fase da constatação (a ameaça é real):

É o tempo da descoberta real da região genital feminina. É o apego afectivo narcisístico ao pênis. Nesta fase o menino se apega a ficção com as seguintes palavras: “a menina tem um pênis pequeno e ainda vai crescer” (Faria, s.d – Grifo nosso). A princípio, o menino não vê nenhuma ameaça por causa disso, mas as lembranças das ameaças verbais dos seus pais, até então negligenciadas, vêm à tona. Dado ao apego afetivo e narcísico que o menino tem ao seu pênis, ele não admite que haja pessoas, tão parecidas com ele, que não tem um. Ele acha a ideia de seres desprovidos de pênis inconcebível e a crença de que é impossível haver seres sem pênis (Batista, 2020).

Figura 3- O menino em fase de descoberta real



Fonte:<https://www.google.com/search?q=imagens+de+m%C3%A3es+gritando+comcrian%C3%A7as&tbm=isch&ved=2ahUKEwiR-tm1iumBAXU>.

4ª A fase da angústia de castração (a mãe também é castrada):

De acordo com Batista (2020), “é aqui que o menino descobre visualmente, a região genital feminina”. Ela, não vê uma vagina ou um órgão reprodutor feminino, mas vê a falta de um pênis. A princípio, o menino não vê nenhuma ameaça por causa disso, mas as lembranças das ameaças verbais dos seus pais, até então negligenciadas, vêm à tona (*Ibidem*, 2020).

Ao descobrir que nenhuma mulher possui pênis surge no menino o medo da castração, muitas vezes a ameaça já havia sido feita anteriormente, no entanto, nenhuma importância havia sido dada a ela. “É através da constatação de que as mulheres não possuem pênis que surge a percepção de que realmente há um risco de perdê-lo” (Freud, 1924 citado por França, 2011, p. 5).

Nesta fase, a ameaça faz mais sentido para o menino, de acordo com aquilo que ele tem ouvido e o que ele vê. Visão mais audição = ameaça completa. Surge assim a angústia de castração (inconsciente), (Paula, 2013; Faria, s.d). A angústia é um sinal em função do eu. Dado a isso, a angústia de castração tanto nas crianças como nos adultos pode se manifestar em momentos de perdas significativas para o indivíduo.

Por outro lado, a angústia da castração de acordo com d'Avila Lourenço (2005), passa a referir-se às reações do indivíduo diante de suas perdas, as quais revelam sua condição de desamparo. Desamparo que é constituído pela incapacidade do aparelho psíquico de dominar adequadamente os estímulos. Segundo Inibições, sintomas e ansiedade, a condição humana é indissolúvelmente ligada a esse fato. Nesta lógica, enfatiza o autor que se o desamparo humano é uma condição insuperável e ele está intrinsecamente ligado ao complexo de castração, esse último também pode ser considerado indestrutível (*Ibidem*, 2005).

Fase final: Saída do Édipo: Término do complexo de castração

Ao perceber o visual do corpo da menina, o menino preserva a crença de que mulheres respeitáveis e mais velhas como sua mãe possuem pênis. Contudo, mais tarde, ao descobrir que mulheres podem dar prazer através de seus corpos, se dão conta de que sua mãe também é desprovida de pênis. Ao ver um corpo feminino nu, abre-se um caminho para a percepção de que a mulher não possui o órgão peniano, mais esse momento não se caracteriza propriamente como o surgimento da angústia da castração (Batista, 2020).

Sendo assim, a visão da ausência do pênis no corpo da mulher e as memórias que evocam as ameaças auditivas por parte dos pais, reais ou imaginários ao prazer de sua excitação definem duas condições principais para o complexo de castração, (i) instauração, renúncia à mãe e (ii) instauração da lei paterna (lei da proibição) (Faria, s.d).

É através da tempestuosa angústia de castração que o menino passa a aceitar a lei da proibição, optando assim por salvar seu pênis, mesmo reconhecendo sua mãe com o órgão feminino, escolhe renunciá-la como parceira sexual. Desta feita, é positivo afirmar que com o encerramento dessa fase, torna-se possível que haja a afirmação da identidade masculina do menino (Batista, 2020). De outra forma, pode-se afirmar que o término do complexo de castração, é também o término do complexo de Édipo para o menino. Esse desaparecimento do complexo de Édipo é de forma particular, brutal e definitivo (Fiorini, 2014 & d'Avila Lourenço, 2005).

2.4 Complexo de castração feminino

Embora o complexo de castração feminino seja diferente do masculino, a princípio, eles se iniciam de formas semelhantes que segundo Nasio, (1989) citado por França, (2011, p. 7), estas formas consistem em dois traços comuns:

- **O primeiro traço comum** se refere à universalidade do pênis como ponto de partida do complexo de Édipo e de castração;
- **O segundo traço comum** diz respeito à importância do papel da mãe – ela é o personagem principal na vida da criança, até o momento de angústia do menino, e o de ódio da menina; A marca principal aqui é a separação entre a mãe e a criança.

O complexo de castração feminino pode ser apresentado igualmente em quatro fases.

1ª A fase da primazia do falo ou da universalização (Todo mundo tem um pênis - o clítoris é um pênis):

Aqui a menina também acredita que todos têm um pênis, ou seja, a universalidade de um mesmo órgão sexual. A diferença é que, para a menina, ela compreende nesse momento que o seu clítoris é um pênis, só que ainda encontra-se em uma dimensão pequena (Batista, 2020). Desta feita de acordo com França (2011), a menina ignora a diferença entre os sexos e a existência de seu próprio órgão sexual, isto é, a vagina.

Ou seja, ela está perfeitamente feliz como todo mundo, por possuir um atributo clitoriano, que assemelha ao pênis e ao qual atribui o mesmo valor que o menino confere ao seu órgão.

2ª Fase: O clítoris é pequeno demais para ser um pênis (fui castrada):

É o momento em que a menina descobre visualmente o pênis masculino. Consequentemente, esta descoberta a obriga a pensar que ela definitivamente não possui o verdadeiro pênis masculino, a rebaixando perante o órgão sexual masculino, tornando-a vítima da inveja. As meninas são mais imediatistas ao contrário dos meninos que são progressivos (Faria, s.d). Assim, de imediato ela julga e decide ter aquilo que não tem (o pênis). Ante a visão do pênis, a menina descobre desde logo que já foi castrada, portanto, a castração já foi consumada.

3ª Fase: A mãe também é castrada (ressurgimento do ódio pela mãe):

Nesta fase, ela descobre que o seu clítoris é pequeno, e que todas as mulheres incluindo a sua própria mãe sofrem da mesma desvantagem. Com tudo isso, a mãe passa a ser odiada e desprezada pela filha por não lhe ter transmitido os atributos fálicos desde que ela foi desmamada. Este ódio por sua vez repercute-se na separação com a mãe e desenvolver o apego e o amor pelo pai.

Figura 4- ilustração do apego da filha pelo pai



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+pai+e+filha+abrasados&tbm=isch&ved=2ahUKEwj-opbwquuBAXVxvicCHaTdDGUQ2>.

O apego pelo pai consiste no resgate da sua feminilidade (a busca do falo perdido ou que de certa forma foi negligenciado pela mãe) e exibi-la para todo mundo. Por sua vez, o pai irá recusar o desejo da filha de obter o falo como objeto de poder, visto que ele pertence à mãe. E assim ela entende que o que ela precisa está dentro dela - o falo não está no homem, no pai, nem na mãe, e sim nela mesma (Batista, 2020).

Fase final: As três saídas do complexo de castração e o nascimento do complexo de Édipo:

Por causa da realização de que não tem um pênis, a menina passa por situações que determinarão sua sexualidade, gênero e expressão corporal. Ao reconhecer que é castrada existem três caminhos pelos quais pode seguir o desenvolvimento da menina, são eles:

- **O primeiro-** é o abandono da sexualidade e da actividade fálica devido à insatisfação com seu clitóris;
- **O segundo-** é permanecer até uma idade muito avançada desejando um pênis, desenvolvendo assim um complexo de masculinidade que pode evoluir para uma escolha homossexual;
- **O terceiro-** é o desenvolvimento da feminilidade normal, que é alcançado segundo Freud, quando a menina escolhe o pai como parceiro.

A mãe deixa de ser o centro do seu afeto e este é reorientado em relação ao pai, começando assim o complexo de Édipo feminino cognominado por Electra (Batista, 2020). O desenvolvimento da feminilidade ocorre quando a menina percebe a impossibilidade de ter um pênis. Diante da constatação de que não pode ter o falo passa a desejar ser o falo do pai, ser possuída por ele (Nasio, 2007 citado por França, 2011, p. 9).

Desta feita, podemos observar que na menina existe um percurso que envolve elementos tais como:

- O desejo inicial da mãe;
- A separação dela pela primeira vez ao desmamar;
- A separação por uma segunda vez na descoberta da castração materna;
- O ódio e o desejo de ter um pênis, então dirigido para o pai para no fim se conformar com o facto de não ter um pênis, e querer desfrutá-lo em situações sexuais [...].

Todo este percurso consubstanciado pelos indicadores ora referenciados, de acordo com Freud, constitui o lance para a menina se tornar numa mulher (Batista, 2020).

3 METODOLOGIA

O presente estudo reflexivo consiste no tipo de pesquisa bibliográfica através da revisão de diferentes livros e artigos que permitiram o autor fazer a busca de conceitos da temática em estudo com recurso a abordagem qualitativa (Flick, 2013), onde foram utilizados o método da observação a partir do nível empírico (Paulo e Lemus, 2018, p.33), os métodos indutivo-dedutivo, análise-síntese e a análise de conteúdo (Prodanov & Freitas, 2013) a partir do nível teórico os quais serviram para a recolha dos dados da pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O problema em questão

Com a presente reflexão qualitativa, de acordo os documentos observados e analisados, foi possível constatar que a maioria dos pais e encarregados de educação muitas vezes não é informada a respeito do assunto em estudo. Isto levanta algumas dentre as diversas questões tais como: Será que os pais que inibem as crianças de manipular seus órgãos genitais já ouviram falar de castração mental? E se já ouviram sabem pelo menos

como funciona e as consequências que podem advir nas crianças quando estas são inibidas? Será que os professores em sala de aulas têm empreendido desafios face a este fenómeno? Neste quesito, de acordo os estudos qualitativos feitos e a análise realizada pelo autor, constatou-se que nenhuma resposta positiva satisfaz as perguntas questionadas.

O autor deste artigo considera imperiosa a necessidade de que os professores devem ser brindados com esta matéria por ser uma das partes decisivas da educação de infância durante o desenvolvimento e crescimento da criança no ambiente escolar. Por outra, o autor deste artigo, ao estudar e realizar uma análise cuidadosa do fenómeno em estudo percebeu que se a criança não for bem sensibilizada com respeito ao assunto pelos pais e encarregados de educação, poderá correr o risco de adquirir outros tipos de complexo tais como: o Complexo de Culpabilidade, de Diana e de Inferioridade (principalmente para as meninas), de Caim e de Ego (para os meninos).

Os primeiros começos da infância são de grande importância em toda a vida em relação a jovem idade, uma vez que esta última fase segundo Renaut (2002), é manejável em todas as maneiras, desde que ainda não esteja ocupada com nulos vícios. Com isto depreende-se que os cuidados de atenção à primeira infância não se limitam apenas em satisfazer as necessidades básicas da criança como por exemplo: alimentação vestuário e a saúde, mas englobam, sobretudo, um conjunto de indicadores que se transcrevem no desenvolvimento tanto corporal, físico-biológico, psicomotor e, indubitavelmente no nível psicológico da criança.

▪ **A importância das relações afectivas entre pais e filhos**

Entender como as crianças pensam e interpretam o mundo a sua volta não é tarefa fácil. Cada faixa etária apresenta características e desafios que precisam ser conhecidos (Lira, Quirroz, Moura & Gil (2017). Durante a observação e análise de diferentes literaturas na busca dos resultados da pesquisa, notou-se que a maioria dos pais e encarregados de educação não levam em consideração este facto, e muitas vezes não conhecem as crianças do seu convívio, não entendem como elas pensam e interpretam o mundo a sua volta, não conseguem identificar quando uma brincadeira ou actividade é adequada para a idade delas. A ausência dos indicadores em referência na vida dos pais e encarregados de educação deve-se principalmente a falta das relações afectivas, as quais influenciam o desenvolvimento do cérebro desde a infância.

As relações socio-afectivas de maior frequência, deviam ser aquelas que ocorrem entre os adultos responsáveis e as crianças que estão sob sua atenção, uma vez que estas relações se transformam em conexões especiais para a criança pequena, o que constitui um dos vínculos que intervêm no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança tanto físico, psicológico, intelectual e social, e que, por isso mesmo, tais vínculos precisam ser positivos (de Castilho, Ogando & Gil, 2021, p. 13).

No processo de amadurecimento cerebral da criança, existem momentos que são verdadeiras “janelas de oportunidades” para a aquisição de determinadas habilidades e competências. Esses são os chamados “períodos sensíveis de desenvolvimento” (Lyra, de Quirroz, de Moura & Gil, 2017). É nesses momentos que muitas vezes a criança apresenta maior predisposição do organismo para receber algumas influências. Vale aqui referenciar que a primeira infância, com ênfase nos três primeiros anos até aos seis anos de idade, é considerada um período sensível para o desenvolvimento de diversas competências como as sensoriais (visão, audição, tacto), habilidades sociais e afectivas, aquisição da linguagem, do pensamento e também das funções sexuais. É nesta fase que

ela desenvolve tendências de querer manipular suas áreas erógenas e quer saber quem ela é, porquê que o pai e a mãe são diferentes na composição fisiológica e formula perguntas que muitas vezes os pais não respondem por causa de receios ou tabus, quando deviam manter vínculos afectivos e aproveitar a oportunidade para ensiná-la.

Nesta fase tão crucial de desenvolvimento, os pais deveriam produzir interações ou relações afectivas fortes com os seus filhos, visto que as experiências de vínculos afectivos frágeis na infância e situações de maus tratos verbais, podem resultar em estresse nocivo para a criança e comprometer a sua saúde, incluindo sua integridade física, seu desempenho académico e seu ajustamento social e emocional no decorrer de sua vida (Abuchaim, 2016, p. 7). Outrossim, os maus tratos e outras adversidades na infância tais como, eventos estressores, separações, doenças, violência, estão associados a um aumento na chance de ocorrência de problemas posteriores, tanto físicos quanto psíquicos.

▪ **A importância da educação sexual no seio familiar**

Se olharmos com cuidado e interesse, o bebê, desde muito cedo, já se mostra bastante activo nas suas interações com o mundo e com as pessoas ao seu redor, por meio de diferentes competências, como o olhar, o choro e as expressões faciais. Beckel, Martins, Jordan e Cabral (s.d, p. 11), em seus estudos sobre desenvolvimento sexual da criança afirmam que:

Dessa forma, o bebê consegue influenciar o comportamento dos adultos, que se ajustam às suas necessidades. Gradativamente, essas competências vão se tornando cada vez mais complexas e, assim, as crianças mostram-se ainda mais hábeis em comunicar seus sentimentos, suas ideias e seus desejos. Aos adultos, muito embora sejam os responsáveis pela criança e os parceiros mais experientes, cabe observar e escutar as crianças e, junto a elas, construir ambientes que favoreçam o seu desenvolvimento.

No presente estudo, uma das dificuldades analisadas e que desencadeia muitas vezes desconforto e preocupação para a criança, é o não esclarecimento por parte dos pais a respeito dos géneros sexuais. Como é sabido por todos, esta carência é notável em muitas famílias. Muitas vezes a criança indaga querendo saber sobre a sua fisionomia ou a fisionomia da mãe entretanto tais questões não são esclarecidas, e as vezes, os pais preferem dar apenas uma pequena e superficial informação sexual, porém, “a informação sexual é parte integrante e necessária da educação sexual, mas não é a educação sexual” (Veigas 2012, p. 211). A educação sexual deve incluir uma boa base fisiológica, psicológica, moral e, sobretudo a criação das verdadeiras atitudes perante o amor, as pessoas e a realidade sexual.

As crianças dos dois, três até aos seis anos de idade, formulam perguntas típicas desta fase tais como: Como nascem os meninos? Onde vêm os bebês? Porque sou eu diferente da irmã e do irmão? Para que serve isto? (os órgãos genitais). O que quer dizer esta palavra? (palavras sexuais ouvidas), e outras perguntas semelhantes. Para isso, Veigas (2012, p. 212) salienta que as respostas vindas dos pais, não devem apenas consistirem na ilustração, mas também na explicação do significado profundo e humano da realidade sexual. Assim, o melhor método a ser utilizado, é a conversa franca e amigável entre educadores e educandos, partindo das perguntas destes, de casos concretos, de um livro ou filmes.

4 CONCLUSÕES

Conclui-se como Freud, que o encontro com a castração define o encontro com a diferença sexual, cuja esta, não é vivenciada do mesmo modo no menino e na menina, na medida em que a diferença anatômica entre os sexos acarreta consequências psíquicas

diferentes. Sabe-se, pois que o pai é o líder da família, aquela voz de comando dentro do lar, todavia, quando se trata do complexo de castração, o papel mais importante recai à mãe desde a fase do nascimento da criança até aos seis anos de idade, tendo em conta a maneira como a cria e lida com ela.

De realçar que o complexo de castração no menino é o ponto culminante do complexo de Édipo, ou seja, o complexo de Édipo do menino nasce e encerra com o complexo de castração através da angústia ou o medo de ser castrado tendo em conta a realidade observada. Nas meninas, por sua vez, o complexo de Electra ou Édipo feminino, começa com o fim do complexo de castração, isto é, o Édipo da menina nasce apresentando certa hostilidade à mãe e um apego excessivo ao pai, todavia, não termina com a castração. Por outra, no presente artigo, os resultados da pesquisa, permitiram revelar que ainda existe um grande vazio a respeito do fenómeno em estudo tanto no seio das famílias, que muitas vezes não conhecem o significado de castração; o mesmo também se constata nos ambientes escolares, em que a maioria dos professores desconhece a importância desta tão relevante temática. Isto tem contribuído de maneira severa para a frustração de muitas crianças e a ausência do amor fraterno destas para com seus pais, encarregados de educação e não só, traduzindo-se na maioria das vezes no isolamento social bem como na ausência de sua aceitação como pessoas queridas pelos seus semelhantes.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abuchaim, B. O. (2016). Importância dos vínculos familiares na primeira infância: *estudo II*. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
- Álvares, C. (2010). Freud - Édipo e castração. Acessado aos 09 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13732/5/Freud-edipocastracao.pdf>.
- Batista, D. D. M. (2020). O complexo de castração na psicanálise. Acessado aos 09 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/o-complexo-de-castra%C3%A7%C3%A3o-na-psican%C3%A1lise-dhara-dalila-medeiros-batista>.
- Beckel, C., Martins, G. D. F., Jordan, L. S. V., Cabral, N. F. (s.d). Guia de cuidados na primeira Infância. Porto Alegre: Colégio Farroupilha.
- Chaves, E. (2013). "A cabeça de Medusa", de Sigmund Freud. *Clínica & Cultura*, 2(2), 91-93. Acessado aos 09 de Outubro de 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/Area%20Cientifica/Downloads/clinicaecultura,+cabe%C3%A7a+medusa+formatado+91-93.pdf>.
- Da Siva, A. M. (2011). Desenvolvimento infantil: *as competências e o desenvolvimento das crianças dos 0 aos 2 anos*. Lisboa. Editora: Climepsi.
- d'Avila Lourenço, L. C. (2005). Transferência e complexo de Édipo, na obra de Freud: *notas sobre os destinos da transferência*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 143-149. Acessado aos 09 de Outubro de 2023. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=complexo+de+%C3%A9dipo+e+castra%C3%A7%C3%A3o&btnG=.
- De Castilho, P. C., Orgando, L. D., Gil, M. O. G., (2021). Educação infantil de qualidade. São Paulo. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
- De Paula, F. O. (2013). Da castração como rochedo freudiano à vertente feminina da sexualização lacaniana (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro. Acessado aos 08 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wpcontent/uploads/2021/06/DissertacaoFernandaQueirozdePaula.pdf>.

- Faria, R. (s.d). Complexo de castração na menina. Acessado aos 08 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://prezi.com/kkpthvlex2ud/complexo-de-castracao/>.
- Faria, R. (s.d). Sete conceitos da psicanálise. Acessado aos 08 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://prezi.com/kkpthvlex2ud/complexo-de-castracao/>.
- Fiorini, L. G. (2014). Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 47-55. Acessado aos 08 de Outubro de 2023. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2014000400005.
- Flick, U. (2013). Introdução a metodologia de pesquisa: *um guia para iniciantes*. Porto Alegre. Editora: Penso.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., Reisberg, D. (2011). *Psicologia*. (5ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lyra, P. V., de Quirroz, E. F. F., de Moura, R. B & Gil, M. O. (2017). Entendendo o desenvolvimento infantil: *contribuições das neurociências e o papel das relações afetivas para pais e educadores*. RECIFE: Editora: Artêra. Acessado aos 2 de Agosto de 2024. Disponível em: <https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/desenvolvimento-infantil-contribuicoes-neurociencias-papel-relacoes-afetivas-pais-educadores/>.
- Moreira, J. D. O., & Borges, A. A. P. (2010). A castração e seus destinos na construção da paternidade. *Psicologia Clínica*, 22, 71-81. Acessado aos 09 de Outubro de 2023. Disponível em: readcube.com/articles/10.1590%2Fs0103-56652010000200006.
- Paulo, A. M. J., & Lemos, A. M. (2018). *Metodologia de Investigação Educativa*. Bié-Angola: YOSSU.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Novo Hamburgo-Rio Grande do Sul-Brasil: Universidade FEEVALE.
- Renaut, A. (2002). *A libertação das crianças: a era da criança cidadão- contribuição filosófica para uma história da infância*. Lisboa. Editora: Piaget.
- Veigas, A. (2012). *A Educação Hoje: a realização integral e feziz da pessoa humana* (8ª ed.). Gaia-Portugal: Perpétuo Socorro.
- Ward, I. (2005). *Conceitos de psicanálise- Castração*. São Paulo. Editora: Relume Dumará. Acessado aos 09 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/conceitos-da-psicanalise-castracao.pdf>.